

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
Faculdade de Educação e Escola de Enfermagem e Saúde Coletiva  
Núcleo de Educação, avaliação e Produção Pedagógica em Saúde  
Residência Integrada em Saúde Mental Coletiva

Educação Popular em Saúde como base de construção de uma clínica em  
saúde mental

Igor Fanguero da Silva

Porto Alegre, Janeiro de 2017



## Agradecimentos

A jornada da RISMCM foi de muitos bons encontros, afetos, deslocamentos, provocações, convocações, dores, alegrias, aprendizagens... Assim agradeço ao "povo" da Coordenação e apoiadores (em destaque a Paulinha) dessa residência, que é diferente no modo de fazer e pensar formação em saúde. Se dedicam muito ao propor uma ação transformadora, formativa e afetiva. Vida Longa à RISMCM! Por ali construí uma turma de colegas aos quais tenho muito carinho e respeito e que contribuíram muito nessa jornada de formação, destaco as amizades e risadas com Marlom, Bruna, Luiz, Laiz, Aline, Ju e Cris. Ao orientador e inspirador no núcleo da Ed. Física José Damico.

Gratidão à cada trabalhador que me acolheu com respeito e desejo de construir uma parceria, destacando em cada lugar: Fran, Márcio, Ligiane e Rose (segunda revisora deste trabalho). À cada trabalhador dos serviços tenho profundas aprendizagens e os carregarei em meu modo de fazer e pensar saúde! Aos usuários, pessoas de força absurda, de vontades de vida que motivam a apoiá-los e ser parceiro em suas caminhadas!

À minha companheira Cila (primeira revisora deste trabalho), que entrou nessa jornada também e que agora segue por mais um ano no processo, agradeço a "pazCiência", a amorosidade e o desejo de transformar a realidade o que me toca e serve de inspiração! À minha irmã e minha mãe, figuras incríveis às quais amo muito e que com certeza a saúde mental me ajuda a ser um parceiro e apoiador de suas vidas!

Aos espaços de formação que sigo, Grupo Mocambo de capoeira e Grupo de Brincantes do Paralelo 30, locais em que consigo encontrar caminhos para relaxar a mente e o corpo e aquecer o coração! Até todos estes forte até!

"Gracias a la vida que há dado tanto..." (Mercedes Sosa)

## Resumo

A experiência da Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva (RIMSMC) é muito intensa, durante o período de formação no trabalho diversas são as histórias que movem a formação do residente. O presente escrito é uma proposta de análise de algumas destas histórias vividas, nos anos de 2015 e 2016, no campo da Saúde Mental Coletiva (SMC) contadas através da perspectiva da Educação Popular em Saúde (EPS) principalmente pelos pressupostos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2012): Diálogo, Amorosidade, Construção Compartilhada do Conhecimento, Problematização, Emancipação e Compromisso com o projeto democrático popular. Tais diretrizes serão apresentadas em capítulos chamados "Rodas", que na perspectiva da Educação Popular (EP) é o espaço onde se tem maior possibilidade de diálogo, de construção conjunta, valorização dos diversos saberes e proposições de igualdade.

Para chegar nas rodas ainda foi necessária a construção das bases utilizadas, assim a EP, EPS e SMC são expressões fundamentadas em capítulos iniciais, capazes de oferecer o aporte teórico da produção. Por escolha estética e de comunicação foram utilizados recursos de linguagem e imagens que registram a cultura popular, propondo um modo brincante, gingado, balanceado e cheio de movimentos, assim como foram as histórias que o estruturam.

Descritores: Saúde Mental Coletiva, Educação Popular em Saúde, Educação Popular, Saúde Mental, Residência em Saúde

## Sumário

1. Saudação: "Ô boa noite pra quem é de boa noite, ô bom dia pra quem é de bom dia .....	7
2. Bases para a construção das rodas: dando sustentação ao movimento .....	10
2.1 Educação Popular (EP).....	11
2.2 Educação Popular em Saúde (EPS) .....	13
2.3 Saúde Mental Coletiva (SMC).....	17
3. Jogando nas rodas: encontrando mestres e dando voltas ao mundo da Saúde Mental Coletiva .....	19
3.1 Roda do Diálogo .....	20
3.2 Roda da Construção Compartilhada do Conhecimento .....	24
3.3 Rodas da Amorosidade.....	28
3.4 Roda da Emancipação.....	31
3.5 Roda da Problematização .....	34
3.6 Roda do Compromisso com o Projeto Democrático Popular .....	36
4. Puxada de rede: reunindo as forças da comunidade, olhando o resultado da pescaria, partilhando com todos a conquista do dia!.....	39
5. Referências .....	46



**1. Saudação: "Ô boa noite pra quem é de boa noite, ô bom dia pra quem é de bom dia";**

Assim começo, dando meu tom, cantando minha saudação e louvação, pedindo axé aos tambores Rum, Pi e Lê, para poder dar muitas voltas ao mundo.

Os ritmos provocam, anunciam e

enunciam, num compasso singular, a poética do cantador. Faço minha introdução assim, pois jogarei no campo da Educação Popular (EP), usarei de minhas gingas, rolês, balanços, apoios, cantos, toques, melodias, poesias e saltos como ferramentas de ação em saúde mental coletiva. Isso, pois sou isso, brincante. Saúdo aos de bom dia e boa noite!

A Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva (RIMSMC) possibilita que muitas experiências permeiem a vida do residente, do "percurso pedagógico singular<sup>11</sup>" emergem diversas aprendizagens, facilitadas pelos encontros, principalmente com usuários, que trazem profundas provocações em suas histórias, deslocando e instigando o residente a "gingar" em outro ritmo. Neste trabalho farei uma costura entre as experiências ao longo desse tempo na RIMSMC e minha caminhada anterior à entrada na roda da Saúde Mental Coletiva - de estudos, histórias e experiências em Educação Popular, principalmente direcionada para a área da saúde.

Desse modo, objetivo tornar este trabalho um processo de síntese de meu "cuidador" e das bases que fundamentam este cuidado, dando significado à produção de um trabalho de conclusão. Para que além do trabalho em si, possa perceber e analisar onde a EP contribuiu (ou se fez presente) na construção de uma clínica em Saúde Mental (SM), fazendo um trabalho em que posso reencontrar os "causos" desse período e olhá-los com outras lentes e em outros ritmos, compartilhando estas experiências e ao mesmo tempo

---

<sup>11</sup> Esta expressão surge no modo como o Centro de Referência em Assessoramento e Educação em Redução de Danos (CRRD), local que fui residente no segundo ano, foi acompanhar o residente. No capítulo "roda da Problematização" alguns exemplos serão apresentados.

trazendo a provocação da temática para o cotidiano de práticas de cuidado no campo da Saúde Mental Coletiva (SMC), e, Popular. Esta proposta marca um modelo de ação clínica em SMC, têm-se muitos outros, que também possuem suas cores, sons, poéticas etc., marcar minha caminhada e essa escolha em momento algum dá ênfase a este meio como o melhor e sim, talvez, como um dos que mais possuem recursos de ação que consigo colocar no cotidiano do cuidar, mas se pode beber nas várias fontes do cuidado e conseguir ações muito potentes.

Para o desenvolvimento do trabalho, irei apresentar as bases que estruturam esta proposta: a EP (e suas conexões e diálogos com a saúde) e própria SMC, convidando parceiros; companheiros que constroem e sustentam movimentos de diversas ordens. Posteriormente serão relatados em pequenos casos, chamados "Rodas", os encontros da SMC na interlocução com os pressupostos da Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2012) que são: Diálogo, Amorosidade, Construção Compartilhada do Conhecimento, Problematização, Emancipação e Compromisso com o projeto democrático popular. Para movimentar esta construção necessito de bons instrumentos (tambores, berimbaus, sanfona, violão, pandeiro...), do axé de uma boa reza, de chás (inclusive chimarrão), preciso da poética e da ciência; das histórias de vida dos mestres/autores, que há muito se dedicam ao tema, assim, a diversidade da EP torna-se necessária pois ela está a todo momento nestes movimentos, produzindo cuidado, aprendizagem, vínculo...

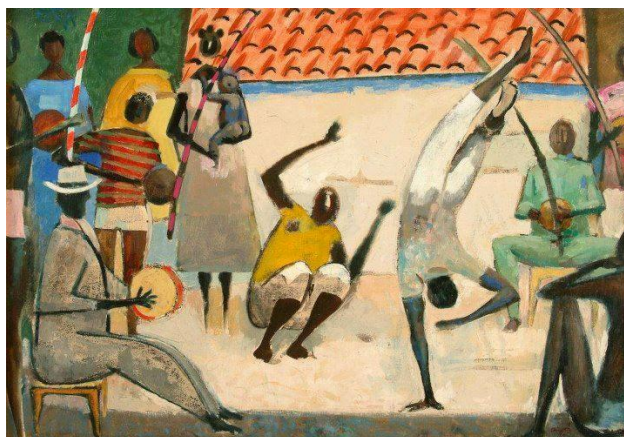
Destaco que foram atribuídos nomes fictícios para usuários e trabalhadores, e reconhecendo a importância do encontro com estas pessoas, utilizarei nomes de mestres da cultura popular como marca de uma formação fundamental que só este encontro permite e permitiu, explicitando o valor do saber destas pessoas em minha formação. Necessito movimentar de forma objetiva meus desejos, para isso uso de meu memorial como fonte de lembranças e ajuda no percurso e na construção, revisitando os casos e olhando para eles de outro lugar. Outra proposição, que extrapola a escrita, são as imagens do artista argentino Hector Julio Paride Bernabó, conhecido como Carybé, que pinta diversas "rodas" da cultura popular e ilustra um pouco das conexões que tentarei estabelecer.



Rodas aparecerão aqui como algo muito importante nessa reflexão, pois elas são expressões vivas das propostas populares. Roda de Samba, Roda de Capoeira, Círculo de Cultura, Roda de Terapia Comunitária, Roda de Batuque, Roda de Jongo, Danças Circulares... Se colocar em círculo, em relação que busca a igualdade, que valoriza e reconhece cada componente do espaço, assim o saber de Mestre Vicente Ferreira Pastinha, Mestre Paulo Freire, Mestre Franco Basaglia, Mestra Clementina de Jesus, Mestra Mãe Menininha do Gantóis, Mestre Adalberto de Paula Barreto, Mestre João Baptista de Godoy, Mestra Lia de Itamaracá e outros mestres importantes nas "rodas da vida", são colocados lado a lado, ora como inspiradores e outras vezes seguidos em toda a sua autoria.

Este é um trabalho prazeroso, como poucos são, gerando um movimento simples, mas que acessa corpos que vibram nessas provocações. Um jogo de angola onde, quem vê de fora, pode não perceber a complexidade do que está acontecendo mas quem está dentro (na roda) se agita com cada movimento. Finalizo colocando que o campo da Saúde Mental, pelos espaços que passei, pouco privilegia ações que tenham maior diálogo com o tema da EP, a proposta então também pode destacar alguns momentos que vivenciei essa proximidade, destacando o que existe! Não recrio rodas, mas entro nelas brincando: balançando, cantando, improvisando, caindo, levantando e gingando evitando o endurecer ("hay que endurecer"?). Este caminho pode contribuir e provocar movimentos, que geram outros e outros e outros e... Mas esta é minha opinião<sup>2</sup>...

Iêê Viva essa roda camará!

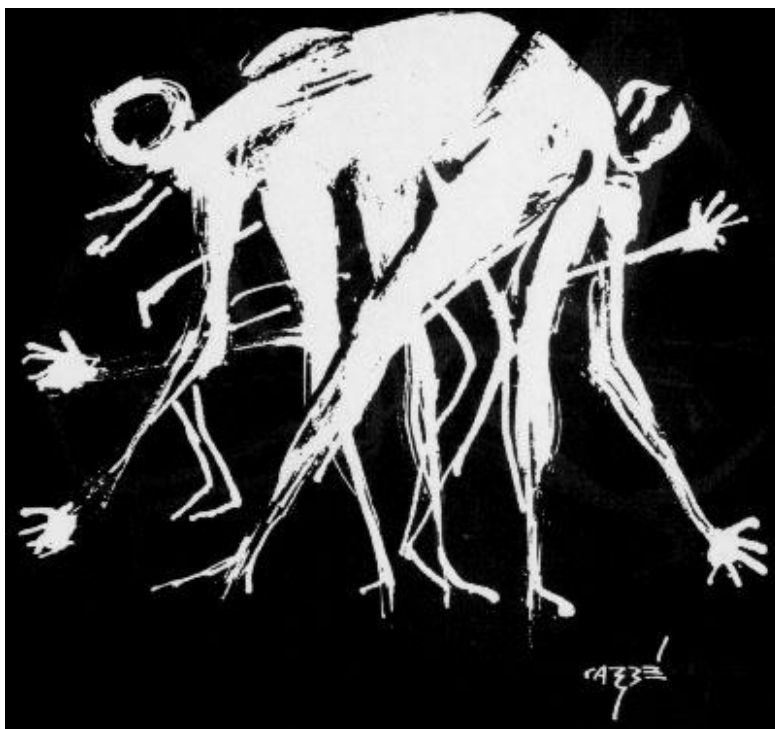



---

<sup>2</sup> Esta é uma das brincadeiras dos cânticos de capoeiras em que, após dizer algo, o cantador anuncia que é meramente sua "opinião" assim o ouvinte pode, ou não, aproveitar a mensagem que na maioria das vezes aparece em tom de alerta ou provocação.

## 2. Bases para a construção das rodas: dando sustentação ao movimento

Base é a forma estrutural de qualquer movimento, na cultura popular muitas vezes vi (e vivi) anos de dedicação a uma base que parece simples mas que merece treino a vida toda. Base para o samba, para a capoeira, base para sustentar contra hegemonicamente o Maçambique no sul



embranquecido do Brasil (Salve dona Severenina, Rainha Ginga!), base dos movimentos das danças dos orixás, base para a reza certa para a demanda que se apresenta, base para sustentar encontros semanais para lembrar cânticos de trabalho (das colheitadeiras de algodão, de coco de babaçu, das casas de farinha...), base dos tambores que não dobram durante o afoxé para evitar que o som fique confuso... Base é o que, mesmo podendo ser simples, se encontrará presente no movimento mais complexo, o que se aprende na infância e não se pode deixar de seguir aprendendo, haja vista que ela se reinventa, e é o que segura os movimentos que seguem depois; é um respirar...

Neste capítulo se apresentará o aporte teórico utilizado nessa produção, se propõe a ilustrar brevemente os conceitos e autores que trabalham com as temáticas da EP, da Educação Popular em Saúde (EPS) e da SMC. Os diálogos por vezes entrarão em conflitos epistemológicos, e é justamente esse conflito que possibilita um desacomodar, que movimenta o desejo de traçar algumas relações. Se coloca na mesma roda o capoeira angola e o regional, teorias de Freire e Basaglia, os saber dos índios do sul e do norte, o maracatu Rural e o de baque virado (nação), toda a Rede de Atenção Psicossocial e a Atenção Básica, o passe Espírita Kardecista e o passe de um Orixá no terreiro

(Okê arô!), o samba de gafieira, o samba de roda e o samba de cabocla, as ações nos territórios e as dentro dos serviços, o forró pé de serra e o universitário, o Candomblé e o Nação (Batuque), os afetos e sentimentos e a técnica clínica, a integralidade e o consultório, o jongo da serrinha e o batuque de umbigada... O que importa aqui é o movimento singular de cada proposição e como conseguir colocá-los como brincantes nesse espaço.

## 2.1 Educação Popular (EP)

A EP tem sua origem diretamente vinculada ao nome de Paulo Freire, pedagogo que tinha uma prática voltada para um modelo de educar ampliado. Freire, com toda uma história singular, dedicada ao ensino de jovens e adultos, principalmente ao processo de alfabetização, baseado em uma perspectiva crítica; rompeu a verticalidade do ensinar, colocou-se em roda e como aprendiz ensinou, como educador aprendeu. Destacam-se suas ações em diálogo com as classes populares, até então excluídos no processo educativo do país, "na busca real pela transformação das relações políticas que compõem a sociedade brasileira." (FIGUEIREDO, 2009 p. 71). Colocava a educação como necessária a compreender o ser humano de forma integral e contribuir na sua jornada formativa. (PULGA, 2014).

Possuo grande encantamento pelo autor especialmente por estudar a prática do mesmo, onde se revelava não como um teórico dedicado estritamente à escrita, mas como alguém que mergulha em sua proposição; pratica. Sabia ser mestre, via potencialidade onde poucos acreditavam e transformou vidas. É no fazer que se enriquece e constrói a teoria, "não há palavra verdadeira que não seja práxis" (FREIRE, 1987 p.89) . Para Pacheco Júnior e Torres (2009, p.24) a justificativa para a construção da pedagogia do oprimido ocorre pois o autor:

reconhece uma vocação ontológica do ser humano, a qual é negada na realidade objetiva (condição envolvendo a conjuntura em que estão imersos o seres no mundo). (...) identifica a realidade opressora enquanto a contradição dos indivíduos que se encontram no mundo"

Freire criou uma proposta que visa dar maior acolhimento aos diversos saberes, mobilizando coletivos e fortalecendo encontros para a mudança da

realidade. Para Freire (1987) a educação de um sujeito é construída com ele e não para ele, realizando uma composição entre o saber popular, as relações sociais e a liberdade como objeto de reflexão e construção do conhecimento. Figueiredo (2009) indica ainda a valorização da cultura popular e respeito aos modos de ser dos sujeitos, logo os educandos "passam a exigir a pronuncia no mundo em contraposição àqueles que sempre lhes negaram a possibilidade de dizer a palavra" (PACHECO JUNIOR e PACHECO, 2009 p.103). Dessa forma a EP se compromete com a população, valorizando sua produção de saber singular, contribuindo com suas organizações e propondo-se estar em perspectiva solidária. (PULGA, 2014).

Wong-Un (2014) coloca como reducionista as limitações da EP ao "popular", principalmente quando há preconceito com o termo. O autor destaca que é uma grande ação cultural que move as comunidades periféricas, construindo modos de ver e existir no mundo. Logo Pacheco Junior e Torres (2009) mostram que esta proposição educativa se baseia em princípios de coletividade, solidários e cooperativos, para tal, é importante que as relações ocorram de modo afetivo, pautando-se no respeito. Para os autores as "Práticas Bancárias" refletem uma estrutura de poder que sujeita e inibe a população pobre (ou os excluídos) em diversas instâncias, dessa forma há novos olhares sobre da realidade indo no sentido de contribuir e fortalecer a ideologia dominante. Com isso a EP faz movimentos de romper a lógica Bancária que comumente coloca os sujeitos como meros depositários de um saber.

Para Freire, a raiva causada pela opressão aparece como punção de movimento libertário e através do diálogo produz-se um "modo de pensar que não se encerra nele mesmo" (PACHECO JUNIOR e PACHECO, 2009 p.105). Com isso ficam mais aparentes as questões do próprio sujeito e comunidade, que conseguem reconhecer os problemas e sofrimentos, produzir movimentos e proposições para pensar as ações, individuais e coletivas, afim de intervir nessa realidade.

Freire (1987) indica como a própria escolha de conteúdos direciona o desejo das classes dominantes de trabalhar o conhecimento. Para o autor o conhecimento da realidade é que dinamiza o mundo em suas possibilidades de

criação e recriação, em perspectiva humanizada. Assim critica componentes ideológicos da cultura hegemônica e reforça a importância da "decifração" da realidade por meio da construção de simbologias interpretativas do sujeito" (ASSUMPÇÃO, LANDRGRAF e PRETURLAN, 2009 p.77). Assim:

(...) a Educação Popular é compreendida como perspectiva teórica orientada para a prática educativa e o trabalho social emancipatórios, intencionalmente direcionada à promoção da autonomia das pessoas, à formação da consciência crítica, à cidadania participativa e à superação das desigualdades sociais. A cultura popular é valorizada pelo respeito às iniciativas, idéias, sentimentos e interesses de todas as pessoas, bem como na inclusão de tais elementos como fios condutores do processo de construção do trabalho e da formação (BRASIL, 2012 p.5).

Os movimentos da EP acolhem práticas que inovam e ao mesmo tempo sensibilizam os envolvidos. É um modelo que considera os elementos constitutivos do sujeito levando em conta uma ação afetiva e de real escuta. (ASSUMPÇÃO, LANDRGRAF e PRETURLAN, 2009). Suas construções extrapolam em muito os limites dos muros escolares, borram as fronteiras da educação para diversas outras áreas, mostram permeabilidade e consistência ideológica. A roda que Mestre Paulo Freire iniciou segue em diversas instâncias, invade, com seus sons, cheiros, cores, movimentos, sentimentos, potências e etc. diversos espaços da sociedade mostrando-se uma perspectiva de ver e modificar o mundo!

## 2.2 Educação Popular em Saúde (EPS)

Separar o tema EPS entre o pedagógico de Paulo Freire e as construções do SUS, em suas primeiras formas de organização, é muito complexo pois a costura que se faz entre as duas é tão "misturada" que a separação dessa "massa" somente serve para fins didáticos, ou organizacionais deste que escreve. Os princípios do SUS têm como base uma perspectiva da EP, coloca todos os sujeitos envolvidos em uma rede de protagonismo e movimento, reconhece a afetividade nas ações e os saberes diversos. Além disso, destaca-se os processos de controle social que gera (ou é fruto de) vínculos comunitários, identitários dos que vivem em uma região e enfatiza o poder e o saber daquelas pessoas. Destaca-se a importância do

reconhecimento do saber popular em saúde, justamente porque muitas outras pessoas faziam uso das práticas da EP como, muitas vezes, a única possibilidade de acesso à um cuidado em saúde. Rezadeiras e parteiras, o uso de chás, simpatias, cânticos, danças estavam muito presentes no cotidiano das populações, muito antes de qualquer forma de organização "tecno-burocristica" da saúde...



O acesso à saúde no país nem sempre foi universal e dessa forma recursos distintos eram buscados, principalmente pelas questões do distanciamento das ações em saúde pública e das possibilidades financeiras da população. Com a criação do SUS algumas formas de cuidado foram relegadas e sufocadas pelas estruturas do desenvolvimento capitalista, saberes sobrepuseram outros, o campo foi sendo esvaziado, as tecnologias invadiram as casas das pessoas e o individualismo tornou-se cada vez mais comum. Com isso as práticas em saúde se direcionaram ao modelo da técnica, as especialidades se especializaram. Práticas de cuidado em outras perspectivas ou racionalidades se distanciaram da lógica de busca por cuidado e logo ficam em movimento quase resistente no cotidiano dos serviços de saúde. Logo:

No campo da saúde a característica de práxis da Educação Popular, no sentido da ação-reflexão-ação, coloca-a como estratégia singular para os processos que buscam o cuidado, a formação, produção de conhecimentos, a

intersetorialidade e a democratização do SUS (BRASIL, 2012 p. 10).

Em 2012 foi lançada a Política Nacional de Educação em Saúde (PNEPS) (BRASIL, 2012) com o desejo de "fazer do SUS uma realidade vivida e não assegurada em lei" (BRASIL, 2014). A ideia era reafirmar os preceitos do SUS, destacando a universalidade, e enunciar a importância dos processos de autonomia, consciência crítica e alteridade entre todos.

A PNEPS enfoca e destaca as possibilidades de diálogo e construção conjunta de uma proposta de saúde mais integral, ampliando as práticas de saúde e unindo modos diversos de cuidar, acolhendo diversas racionalidades em saúde.

Valla (1993) destaca que as experiências da população, construtoras de seu saber, são muito diferentes das vividas pelos profissionais e merecem respeito, ainda coloca, que a "democracia da classe média" escuta a demanda dos usuários mas em seguida retoma a "pauta principal" desmerecendo o poder e o saber do que foi trazido pelos usuários. Com isso é fundamental que a política consiga possibilitar que se discuta e problematize as questões cotidianas, que se destaquem as identidades das comunidades e torne os espaços da saúde capazes de acolher com respeito os usuários e produzir saúde integral. Santos (2013 p.18) indica que a PNEP-SUS:

Reafirma o compromisso com a universalidade, equidade, integralidade e a efetiva participação popular no SUS, valorizando saberes populares, a ancestralidade, o incentivo à produção compartilhada de conhecimentos.

Cabe ressaltar o Papel da Articulação Nacional de Movimentos e Práticas de Educação Popular em Saúde que fica num entre, espaço de interlocução entre movimentos sociais e gestões. (BRASIL, 2012). Bornstein e colaboradores (2009) destacam o foco a participação e o protagonismo dos usuários. No campo da saúde destaca-se que a educação bancária, reafirma locais do higienismo e de um tecnicismo limitado a um fazer sem reflexão e afirmam que a PNEPS contribui com a "gestão participativa, o controle social, o cuidado e as práticas educativas em saúde" (BORNSTEIN et. al., 2009 pg.153)

As possibilidades para sustentar a proposta da PNEPS são diversas, os seus preceitos anunciam em si um modo de encontrar ferramentas que problematizem a realidade em saúde. Aparecem como aspectos capazes de favorecer o protagonismo do sujeitos, a diversidade de saberes e culturas integrando-os aos cotidianos dos serviços de saúde.

Tais pressupostos (juntamente com cada uma das histórias que os profissionais da saúde encontram cotidianamente) aparecem como peças de uma "Sacola de Talismãs"<sup>3</sup>. A Sacola de Talismãs aparece na cultura dos Índios da América do Norte e Jamie Sans (2003) explica que é uma de tantas formas singulares daqueles povos verem e se relacionarem com o mundo. Para as tribos do norte os talismãs eram objetos variados encontrados de maneira singular e que carregam os Guias da Natureza. A sacola possuía diversos usos e ainda tinham especificidades em suas magias: Sacolas de Cura Pessoal, Sacolas Tribais, Sacolas de Guerreiros, Sacolas da Dança do Sol, Sacolas do Parto, Sacolas da Caça, Sacolas do Sonho e Sacolas de Visão. O respeito pelos objetos era muito e havia cuidado especial nessa relação, os processos para receber uma destas Sacolas eram ritualísticos, respeitando os ancestrais e todos os povos que sua cosmovisão incorporava. Os Guias na Sacola de Talismãs "consideram que qualquer ato realizado em nossa vida física é sagrado em seu próprio tempo.(...) nos ensinam como e quando experienciar em beleza cada um de nossos atos ao longo do Caminho Sagrado (SANS, 2003 p.245-246).

Com isso a realidade é compositora da Sacola de Talismãs que destaca e valoriza a sabedoria pulsante dos encontros. Guardar essas aprendizagens constrói um trabalhador com maior alteridade e bordas que agregam as mais

---

<sup>3</sup> Utilizo tal expressão inspirada na caixa de ferramentas, como proposto por Merhy (2004, pg. 108) indicando como o "conjunto de saberes que se dispõe para a ação de produção de saúde" porém contraponho pela imagem de pensar que minhas experiências se convergem em verdadeiros talismãs indo além da relação da produção de saúde e sim na própria "caminhada" da vida. Talismãs exigem mais cuidado pois são preciosos e dispõem de uma rede histórica, de fatos e encontros, para que se apresentem nesta sacola. Uma caixa de ferramentas só é usada quando se quer uma ou mais ferramentas, a Sacola de Talismãs por sua vez é presente em cada momento do cotidiano.



diversas expressões do viver. Os preceitos da PNEPS podem ser vistos como provocadores para revisitar os talismãs encontrados. A própria política move uma roda que leva todos os envolvidos a reverem os processos desde sua formação e, dessa forma, ajusta e estreita os saberes sobre saúde que nunca precisariam ser hierarquizados e excludentes.

### 2.3 Saúde Mental Coletiva (SMC)

Saúde Mental Coletiva aparece como conceito de uma experiência singular de olhar e viver a relação com a diversidade de modo mais integral, é um campo em constante disputa, fazendo-se necessária mandinga para entrar nessa roda, que ocorre há tempos, com jogadores que nem sempre se conhece e com toques singulares. A loucura e seus conceitos e, pré conceitos, estão sempre sob duas óticas: ora quer conter, sedar, calar, silenciar, dominar, sujeitar, oprimir, determinar, inferir, apontar, amarrar, deslegitimar e ora apresenta-se para apoiar, dialogar, construir, relacionar, encontrar, flamar, caminhar, acompanhar, tocar, movimentar, provocar, ir e vir. A SMC possibilita acharmos proposições que componham a busca da liberdade e autonomia dos usuários, contribuindo com as proposições de construção de "projetos de felicidade" (AYRES, 2004).

Cabe apresentar o conceito de SMC descrito por Fagundes (1995, p.57) como um processo em que se constrói sujeitos sociais. Possibilita que se transforme os modos "pensar, sentir e fazer política e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade", assim é provocado pela autora que se extingam e substituam práticas historicamente dominantes por outras, que contribuam com projetos de vida. O manicômio em toda sua história aparecerá como um lugar de clausura e exclusão, Foucault quando revisita a história da loucura mostra o quão era fácil à uma parcela da população "cair" (e recair...) por anos nessas instituições totais, sendo muitas vezes usado como estratégia de limpeza social, principalmente dos centros urbanos.

Destaca-se no processo de enfrentamento as lógicas e centralidade nos hospitais psiquiátricos, a história de Franco Basaglia que realizou importantes transformações no campo da psiquiatria e dos saberes sociais (AMARANTE, 1994) .

Para Belmonte o modelo manicomial (1996 p.165):

É um modelo autoritário, que incorporou totalmente o legado da exclusão, julgando que qualquer manifestação diferente da norma é convertida em sintoma e deve ser medicada.

Basaglia percebia que a institucionalização gera um vazio emocional e um desinteresse no viver dos aprisionados nos hospitais psiquiátricos, com isso cria e incorpora como premissas de seu trabalho: a Luta contra a institucionalização; Ação para vencer preconceitos, estigmatização, segregação; Luta contra a tecnificação, dando novos contornos científicos sobre as doenças (justificando novas intervenções); Substituir relações de tutela por relações de contrato. (AMARANTE, 1994). Essas ações são estruturas base para a luta antimanicomial, que até hoje segue sendo um grande tensionamento, pois ainda há muito a ser pensado e repensado sobre os processos institucionais e os modos de viver e conviver com a loucura.

Pensar o cuidado também é fundamental na perspectiva da SMC, nesse sentido Basaglia apontou em seus escritos (A instituição negada) "o atravessamento na intervenção técnica pela função política, tirando o caráter isento que a ciência propõe e contribuindo para a manutenção do sistema". (AMARANTE, 1994, p.65). Com isso tem-se a possibilidade de perceber a sustentação de ações políticas através de técnicas duras, indialogáveis, pasteurizadas e sem vida (e produção de vida).

Basaglia destaca com isso a falácia de existir um modelo de ciência isento apresentando o atravessamento político que interfere diretamente nas relações terapêuticas. O manicômio, por muitas vezes, nega a subjetividade dos sujeitos, que perdem suas histórias (AMARANTE, 1994). Como viver sem sua história? Quem vive sem sua história? Para que (e para quem) viver sem sua história? O traço histórico desta narrativa que se arrasta até hoje é passível de comparação, por exemplo, com os processos de escravidão no país; violência contra a vida, contra o viver... É nessa cena que sustentamos alguns movimentos de enfrentamento ao modelo antimanicomial, que segue sendo luta de poucos e assim como a capoeira (por muitos anos) muitas vezes é luta disfarçada pois os feitores e seus aliados seguem com os mesmos poderes e com grilhões (ou camisas de força) atualizados e apresentados como "coisa boa", seguem negando que "coisa boa" é a liberdade!

### **3. Jogando nas rodas: encontrando mestres e dando voltas ao mundo da Saúde Mental Coletiva**

As rodas são experiências práticas, vivências e encontros registrados de muitas formas diferentes. Na cultura (e educação) popular, a roda é o espaço de aprendizagem, toda a vez que se entra na roda se aprende e se coloca um novo talismã na sua sacola, tendo estas preciosidades disponíveis ao uso para novas entradas e saídas de rodas. Para a composição da roda utilizo preceitos e pressupostos teóricos metodológicos<sup>4</sup> da PNEPS, a fim de ilustrar algumas das experiências vividas no período da RIMSMC. Juntamente às histórias se encontram a descrição e algumas reflexões sobre os preceitos da PNEPS, com o intuito de uma condução mais tranquila ao processo da leitura e de destacar a qual preceito a história remete... Destaco que as histórias apenas estão ligadas aos preceitos como ilustração visto que cada preceito é indissociável, mas com certeza pode ser destacado em histórias diferentes.

Antecipo que entro na roda utilizando os dispositivos que posso recorrer, usarei meu saber, lembrarei minhas experiências e aprendizagens, recorrerei aos escritos das conversas com mestres, gingarei, darei volta ao mundo, cantarei ladainhas, farei chamadas e etc. tudo isso no intuito de aproveitar a roda, "brincantemente"!

As rodas revisitam memoriais escritos nos dois anos, logo serão apresentadas histórias narradas em outros tempos e de outras formas, tanto nos diários de campo, quanto nas narrativas. Durante o período como residente construí esses escritos em uma linguagem muito singular, que buscava dialogar com a cultura popular, principalmente a capoeira, assim sendo palavras e expressões diferentes surgirão e talvez não estejam explicadas como o mundo acadêmico faz, porém poderão ser compreendidas as histórias, "causos" e acontecidos nesse intenso processo de formação.

Assim convoco a leitura de afetações, de movimentos, de olhar um jogo (de capoeira) que em alguns momentos não entendemos as regras mas aprendemos com os movimentos e, cheios de possibilidades seguimos; aprendemos em nossos dessaberes como diria Manoel de Barros... (Trecho da segunda narrativa, 2016)

---

<sup>4</sup> "Os pressupostos teórico-metodológicos ou diretrizes como convencionalmente são apontados, contemplam dimensões filosóficas, políticas, éticas e metodológicas que dão sentido e coerência à práxis de educação popular em saúde." (BRASIL, 2012 pg. 14)

### 3.1 Roda do Diálogo

O Diálogo parece ser estruturante na PNEPS, as proposições de Freire já se calcavam em ações dialógicas que possibilitam encontros com a realidade do outro, a alteridade só pode ser construída partindo dessa relação. A política afirma que:

(...) diálogo não torna as pessoas iguais, mas possibilita nos reconhecermos diversos e crescermos um com o outro; pressupõe o reconhecimento da multiculturalidade e amplia nossa capacidade em perceber, potencializar e conviver na diversidade (BRASIL, 2012 p. 15)

A PNEPS aponta o diálogo como esse encontro dos sujeitos em sua intersubjetividade, reconhecendo um caráter de permanente mudança no mundo e nos sujeitos que nele



vivem. A construção de relações através do diálogo permite ao longo do tempo o estabelecimento de confiança entre as pessoas, e assim a palavra vai trazendo "a riqueza da história de vida de cada um e seu posicionamento, avaliação e coerência entre o pensar e o agir frente à realidade." (BRASIL, 2012 p.15).

A problematização realizada após estabelecida a relação no diálogo (que não necessariamente comunica através da fala, conversa) é necessária inclusive no processo de auto-análise dos sujeitos, que indica e constrói uma caminhada. Os encontros por vezes podem movimentar e desacomodar mas jamais sujeitar o outro. Um pensamento sempre é colocado, na perspectiva de uma construção conjunta logo não há hierarquização, inclusive do saber técnico profissional. Com isso rememoro, com alegria, um dos atendimentos realizados em um CAPS, dialogando com o "Mestre João Grande"!

"Mestre João Grande" era um sujeito muito singular, após muitos anos em instituições totais ganha a liberdade e estrutura um viver muito interessante. Religioso fervoroso e um excelente administrador de seu benefício, sempre aparecia no serviço e diariamente movimentava a "ambiência" desse local. Nas

discussões sobre o "encapsular" vejo muitos relatos de usuários dependentes do serviço, em seu caso vejo como um dos espaços a serem "visitados" por ele, assim como sua igreja, ou seja, um espaço que acolhe e dialoga com ele. Sempre tivemos longos, divertidos e às vezes, confusos, diálogos. No início de nosso encontro havia uma certa "perseguição" dele, uma forma de teste com o qual estabeleci boa relação. Com o tempo as conquistas desses diálogos surgem e uma relação de confiança se estabelece, destaco o apoio desse caso de uma das trabalhadoras do serviço que, muito dedicada, me trazia outras visões e histórias sobre como ele estava nos espaços com ela e me ajudava em minhas dúvidas.

Na porta do serviço já estava ele me esperando, queria conversar e sempre que pude o ouvi. Construí vínculo e acolhia seu desejo de escuta. Fui "batizado" e benzido algumas vezes por ele. Dessa forma vamos construindo possibilidades que mostram melhoras no seu viver. A simplicidade das conversas, por muitas vezes parecia não encaminhar nada porém era surpreendente como ele se movimentava. Um dia:

(...) ele me perguntou se eu convivia com uma mulher e se dormia com ela. (...) a resposta afirmativa gerou nova pergunta: "E tu olha para ela quando acorda?" a resposta, novamente afirmativa, gerou uma revolta, ele dizia que isso era errado, que eu não era homem se olhava para uma mulher quando acordava. Partindo daí se inicia a conversa:

(eu) -E tu "Mestre João Grande", que tu faz?

("Mestre João Grande") - Ah, eu olho no olho de outro homem! Por que assim que se faz o homem!

Fui sacando o que ele estava querendo contar, pensei um pouco e:

(eu) - Mas eu tenho uma estratégia ""Mestre João Grande", quer saber?

("Mestre João Grande") - O que tu faz? Conta então!

(eu) -Ah eu olho no espelho todo o dia, afinal eu sou homem e isso me basta, não preciso olhar no olho de outro homem.

Duvidoso ainda me perguntava se funcionava, e como afirmativamente respondi, ele falou que ia fazer. Ficou feliz, tão feliz que dançou... Após o diálogo fui conversar com a oficina que conhece bem o "Mestre João Grande" e pode me explicar com mais detalhes o que acontecia. Ele estava com uma questão sobre olhar nos olhos das pessoas, relaciona isso a sua estruturação *enquanto sujeito*, a situação era tão marcante em sua vida que toda a manhã ele vinha ao CAPS, com óculos escuros (de lentes reflexivas laranja) e pagava 3 reais para ficar um minuto olhando os olhos de outro usuário homem... Partindo daí

percebi justamente a importância de ouvir mais, e compreender que perguntas tem proposições (RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA).

Essa história marcou a busca sobre aprender mais sobre essas questões e assim:

A questão da transferência também marca essa situação e saber lidar com ela permite propor o cuidado. As dúvidas quanto a essa situação levaram a conversarmos em tutoria de núcleo e discutir os temas que circundam a história. A relação com o usuário melhorou muito, ele contou pra várias pessoas nas semanas seguintes que vinha se sentindo melhor por se olhar no espelho, penso que isso é fundamental na sua historia pois ali ele se encontra, se reconhece e se constrói como sujeito, ainda marca a nossa relação com confiança, escuta e resolubilidade (RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA).

Em minha construção profissional, o Diálogo é estrutura base de um encontro que se proponha a ser terapêutico, o exercício dessa ação nem sempre é fácil e sempre exige "pazciência". Considero um "treinamento" de atenção e convocação à alteridade. Mas o diálogo nem sempre vai na direção de uma relação que parta da fala ou da conversa, outra vivência na RISMC merece destaque nesta reflexão: as ações na Oficina do Brincar, no CAPSI.

A proposição da Oficina do Brincar é justamente encontrar crianças no espaço do brincar (uma sala com brinquedos), o encontro de corpos brincantes. A terapêutica se constrói na perspectiva lúdica e nas suas interações, as crianças convocam de diversas formas e é necessário estar atento às mensagens...

"...estava lá de costas para todos com seus bonequinhos, já sabia que logo ia jogá-los do alto... peguei alguns bonecos e me pus ao seu lado, me ignorou. Segui o convocando e ganho um tapa. Será que eu estava o agredindo?" (NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO)

O diálogo dos corpos pode ser um dos mais difíceis, a Educação Física provoca e convoca esse "olhar". O caso narrado não marca um ruído na comunicação mas indica outras formas de poder expressar as angustias e sofrimentos, corpos que falam, que "contam as coisas incontáveis..." Meses depois na mesma oficina e com o mesmo menino desenrola-se outros fios dessas brincadeiras:

...tentei imitá-lo, em voz e gesto, ele me olhou (SERÁ QUE ME VIU?) e saiu correndo... Me viu sim! Atirou os bonecos e

me olhou. A partir daí brincamos e interagimos os três (ele, a outra terapeuta e eu). Nunca tinha conseguido! Eita! (...)  
(NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO)

Com isso se realiza uma construção muito singular, que sempre encontra com as questões que as crianças trazem, mas não propõe uma terapêutica diretiva. Não é campo ganho... A Oficina do Brincar ainda conta com mais um talismã, a possibilidade de, simultaneamente (com outra terapeuta), atender pais e familiares (ou cuidadores), dessa forma constrói-se uma atenção mais intensa às questões que emergem:

(...) ajuda com outros elementos desses pedaços de história que em alguns momentos aparecem no brincar dos pequenos. O esforço para que o espaço com os familiares aconteça de forma mais produtiva possível me ensina a persistência que se deve ter para sustentar essa roda, vejo a terapeuta se desdobrar em criatividade junto às mães que muitas vezes não se dão conta do uso do espaço como potência terapêutica singular(...) (RELATO DA SEGUNDA NARRATIVA).

Esse é um espaço de cuidado que se pauta numa construção conjunta (terapeuta e familiares/cuidadores), e avança em pequenos movimentos e reconhecimentos de suas possibilidades. O CAPSI é um serviço que se propõe ao diálogo, se coloca como um dos dispositivos de uma rede e tenta contribuir para o fortalecimento de um cuidado compartilhado. O Diálogo aparece sempre e propõe "olhar" os movimentos do serviço.

Infelizmente nem sempre é possível dialogar com todos, tanto com os usuários quanto com a gestão ou outros serviços, cabe um exercício de saber como produzir e construir esse elemento e fazer dos movimentos dialógicos estruturas básicas dos serviços de saúde... Das leituras dos corpos que falam até movimentos institucionais o diálogo pode ser uma forma de aprofundar o cuidado e aprendizagem, colocando o "com" nas relações...

### 3.2 Roda da Construção Compartilhada do Conhecimento

A roda da Construção Compartilhada do Conhecimento exige muita comunicação, diálogo, corpo vivido, interação, respeito, mutualidade e atenção aos processos subjetivos que movem as possibilidades diversas de partilha de um saber. O "contador de histórias"<sup>5</sup> multiplica o saber que se elabora e constrói justamente nos encontros, ou seja, se constrói à cada novo encontro, faz uma tessitura sobre o saber, valoriza cada experiência dos sujeitos. Compartilhar conhecimento rompe a lógica do modelo de escolarização vigente protecionista de um saber e convoca a olhar as aprendizagens e torná-las mais potentes no encontro. A PNEPS (BRASIL, 2012 p. 16) indica tal ato como "processos comunicacionais e pedagógicos entre pessoas e grupos de saberes, culturas e inserções sociais diferentes," amplia-se para agregar sonhos, esperanças e visões críticas, encaminha modos para enfrentar obstáculos, alarga as bordas conceituais da saúde e possibilita novas construções.

Se deparar com as "formas diferentes de andar a vida" (BRASIL, 2012 p. 17), provoca e convoca ao repensar as formas e estratégias de cuidado em saúde. Os saberes científicos podem ser "oxigenados" ao encontro dos saberes populares, o que possibilita uma clínica diversa, quiçá ampliada e movente.

Construir um projeto assim exige uma interlocução com o outro muito bem construída, os caminhos percorridos, às vezes de muito tempo, podem facilitar essa construção. Infelizmente o tempo do residente é relativamente pouco, pois dos 11 meses vivenciados nos serviços existe um período de adaptação e um tempo pessoal de agir, em sua construção profissional... Ao chegar em um CAPS me deparei com uma ambiência com um número grande de pessoas e um movimento pequeno de propostas. A oficina, dedicada em seu fazer, se debruçava sobre possibilidades de sua ação e convocava apoio. Embarquei nessa e:

---

<sup>5</sup> Entre os nativos norte-americanos eram os responsáveis por circular entre os grupos contando "atos heróicos, da contagem de golpes sobre um inimigo, de um sonho de cura que profetizasse futuros acontecimentos, de Historias de Sabedoria que mantinham viva a Tradição ou, ainda, trazia as últimas notícias acerca de nascimentos e mortes nas tribos. (SANS, 1993 pg.249).



(...) propomos que pintássemos algumas mandalas. "Logo se formou a roda" e iniciamos a brincadeira, misto de diversão, "colorimento", alegria, dificuldades, tristezas e desejos. Pintamos algumas, o movimento e as cores começaram a ter brilho e tons diferentes, logo conseguimos novos integrantes a roda, trabalhadores trouxeram suas cores e assim colorimos dúzias de mandalas.

Percebo que essa atividade foi fundamental para apresentar minha perspectiva de ação: pautada na coletividade, no desejo de construir coisas leves e de tornar o serviço um local potente para o relacional das pessoas. A febre das mandalas passou, as vezes vejo alguém pintando uma, porém o mais interessante é o que colho quando proponho algo e o pessoal apóia. Esse é um pequeno balanço na canoa, "não vou remar contra a maré" gritando à equipe que achava o espaço sem movimento, para se fazerem presentes na ambiência, vou tornar esse espaço acolhedor também ao trabalhador que, na dureza do dia a dia, pode encontrar um espaço coletivo de cuidado (RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA).

Essa primeira ação, parte de um desejo da trabalhadora em compor parcerias para a construção da ambiência, o apoio moveu uma idéia inicial que foi fluindo aos encontros com as pessoas. Após as mandalas o pessoal decidiu colorir outras coisas, coisas das suas histórias; fadas, desenhos, gnomos e duendes, paisagens, árvores, crianças e desenhos temáticos de datas festivas foram sendo "coleccionados" no serviço e depois coladas nas paredes do espaços... coloriu-se com a arte de cada um. O espaço ficou mais agradável, mais parecido com as histórias e pessoas que passavam por ali, nós conseguimos provocar um movimento simples mas que acessou aquele coletivo que toma para si tal historia...

Ainda no mesmo serviço, desejante de construir mais movimentos, propusemos uma festa junina. No periodo de construção da festa foi se trazendo a pauta a usuários e trabalhadores, numa intenção de acender uma chama, de construir e compartilhar outras possibilidades de se fazer e pensar saúde. Uma usuária relata que gostaria muito de dançar, fazer aulas como fazia no Centro de Tradições Gaúchas (CTG), me senti provocado, já havia dado aula de dança. Compusemos, o povo da ambiência, um espaço de dança que:

(...) propus uma oficina de dança, no ritmo do xote nordestino (farró). Muita ansiedade pelo proposto, afinal foi a primeira vez que consegui propor algo corporal (talvez uma necessidade com meu núcleo profissional) e que realmente tinha significado para mim. No dia, 6 usuários, 3 trabalhadoras e 2 residentes "vadiaram" por mais de 30 min. ao som de Valença, Ramalhos,

e outros mestres. Foi repleto de leveza e diversão. Seu "pastinha<sup>6</sup>" velho mestre me contou que aos 87 anos dançou muito pouco e que isso o fazia muito feliz. A primeira etapa deu certo!

A segunda ação, a festa em si, não dependia somente de mim, pois era a roda e não se faz roda de um berimbau só. Organizamos um jogo de pescaria, confeccionamos varinha, peixes, anzóis, demos cores à brincadeira. Convoquei músicos amigos para "vadiarem" conosco, levei instrumentos. Formamos um quinteto de forró tocando xaxado, baião e xote ao som de sanfona, triângulo, pandeiro, zabumba (improvisada) e pífano. Também estiveram presentes pessoas que convidei para entrarem na roda da festa, que contribuíram com seus corações e singularidades mais que com atividades e tarefas. A comemoração foi linda, as mandalas que construímos ao longo do mês foram brinde na pescaria e os usuários arrastaram o pé e "sacudiram a poeira" do CAPS (...). Lindeza iluminada! Os músicos se divertiram muito também, sentiram-se acolhidos pela festa! O resultado foi muito bom, usuários querem fazer nova festa, a comida antes principal demanda concorreu com a música, a dança e acredito que uma nova perspectiva surge nesse serviço, a da leveza (*RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA*).

Nessa função pude perceber muita troca entre todos, trabalhadores e usuários, construindo, trazendo-se e de fato movendo-se. Foi uma grata experiência que levou a outras ações dentre elas outra festa com um grupo de dança que além de apresentar alguns quadros propôs uma roda coletiva dançando com usuários e trabalhadores.

A temática da construção compartilhada do conhecimento é ampla, como anunciado, envolve uma comunicação profunda. Como não havia feito nenhuma formação em SM e desejava aprender como fazê-la desde o acolhimento até os processos clínicos de atender solicitei a minha perceptora apoio para essa construção. Assim, acolhemos e fizemos uma escuta compartilhada durante alguns meses, assim a perceptora me guiou, pedagogicamente nessa trilha que constrói um trabalhador em SMC.

(...) o caso não é complexo, aos pouco vou percebendo que uma boa escuta permite que a própria pessoa consiga imergir-se e buscar suas respostas. Descobrir o que ela "vende aí" é fundamental, observar e registrar detalhes e aos poucos ir construindo uma perspectiva sobre o tema que ela aborda é fazer uma clínica que contempla minha compreensão do "ser cuidador". O atendimento se dá com a parceria de minha perceptora e destaco esse espaço-encontro como o mais potente entre nós neste ano. Pude aprender certos lidares, certas "manhas, mandingas...", e isso só experiência pode ensinar.

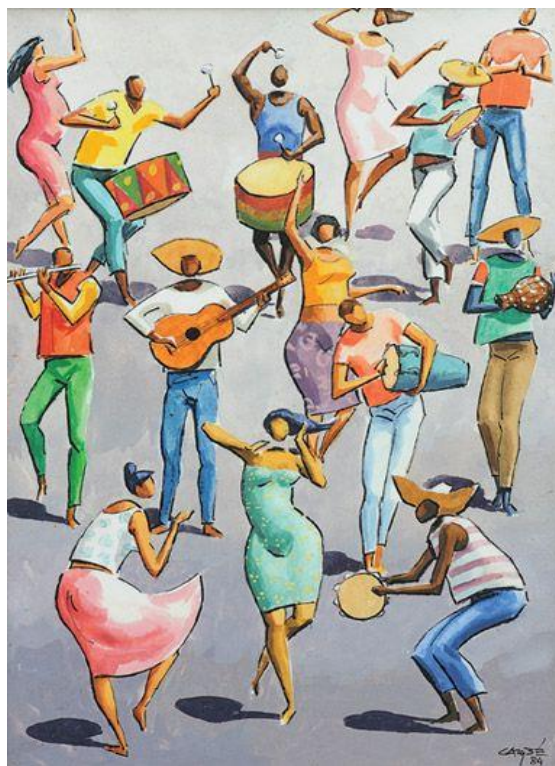
Fico grato pelas experiências de cuidar e de aprender; a usuária se beneficia com um caso visto por dois profissionais, como acho que deveria ter em mais situações, a perceptora beneficia-se por fazer esse cuidado

---

<sup>6</sup> Pastinha foi um mestre muito sábio, uso o nome como codinome aos usuário que possui uma longa experiência de vida, sendo o usuário mais idoso do serviço;

compartilhado e ainda podendo trocar comigo sobre o caso. Eu enriqueço minha prática, amplio meu cuidado e construo uma clinica bebendo um pouco da água de quem já tem caminhada e dedicação ao cuidar (RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA)

Assim compartilhar conhecimento está em qualquer encontro que se disponha a fazer a partilha. Uma festa, no desejo de movimentar um serviço, um atendimento, uma aula de dança são também espaços construídos e constituídos para a troca. Estar atento aos movimentos e possibilidades talvez seja a tarefa mais complexa, o desejo de seguir nesse movimento permite que esteja em aprendizado constante, a todo o encontro, sem hierarquizar o que se aprende e com quem se aprende... é um reconhecer de nossa eterna aprendizagem.



### 3.3 Rodas da Amorosidade

"Amor é dado de graça, é semeado no vento, na cachoeira, no eclipse..."

(CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE)

Amorosidade é o talismã mais potente e menos compreendido da PNEPS. Nas discussões que vivenciei, a expressão "amorosidade" não conseguia ser compreendida, era necessário outro termo; para alguns parece ser impossível haver "amor" nas relações de trabalho e cuidado, principalmente entre trabalhador e usuário. Mas que amor se pensa? Amor cristão? Amor fraterno? materno? Amor-paixão? Amor puro? Amor platônico? Amor romântico? Verdadeiro amor? Amor brega?... Ora se prendermos o "amor" a um conceito hétero-normativo, cristão, dicotômico, limitado, restrito, exclusivo etc. perdemos infinitas outras formas do amar, a diversidade das possibilidades de viver esse sentimento é justamente o que dá tanta potência.

Amorosidade na PNEPS aparece como:

(...) ampliação do diálogo nas relações de cuidado e na ação educativa pela incorporação das trocas emocionais e da sensibilidade, propiciando ir além do diálogo baseado apenas em conhecimentos e argumentações logicamente organizadas (BRASIL, 2012 p. 15).

"Ir além (...)" no cotidiano do serviço de saúde provoca um pensar sobre o lugar do trabalhador como cuidador em uma comunidade. Dentre as ações, muitas vezes, o trabalhador parece esquecer que é parte daquele grupo, referência (ou uma das referências) da busca por cuidado de um coletivo, papel estruturante e valorizado, sentir-se parte dessa rede comunitária, por mais distante que esteja de "seus grupos sociais", é potência para produzir um outro cuidado. Para a PNEPS isso influencia a consciência e o agir das pessoas e com isso consegue superar práticas desumanizadoras dando outros sentidos e motivações para o trabalho em saúde (BRASIL, 2012).

Essa roda se dá no encontro com um trabalhador muito singular das redes que passei. Um mestre na arte do cuidar. Amorosamente! Chamá-lo-ei de "Mestre Vavá Madera"<sup>7</sup>. Destaco no processo de formação da RIMSMC esse encontro como um dos espaços de maior aprendizado, visto que desloca o lugar de agir e pensar para um profundo olhar das ações em saúde. Pensar em outras racionalidades de saúde é fundamental para que um cuidado integral ocorra. As provocações e os modos de fazer podem "beber em várias fontes" e dessa forma nutrir essa amorosidade.



O relato pode contar muitas das aprendizagens e construções do processo, a chegada na Roda da Terapia Comunitária destaca:

Iniciei a participação na atividade que o "Mestre Vavá Madera" já havia iniciado. Principalmente a meditação e a terapia comunitária, onde lentamente fui me achando, me soltando, mandingando e convocando os corpos que falam, riem e choram neste espaço a também dançar, respirar, se mexer... Fizemos uma roda linda! Roda de afeto! Roda de música! Roda de jogo! de corpo, de mente, de dores e alegrias, de parcerias e confianças, de novidades. (RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA)

Essa experiência de profunda troca move um pensar sobre as possibilidades de ação em Saúde Mental Coletiva. O encontro comunitário trazia as durezas da vida, histórias de violência, sofrimento, corpos sofridos, mentes inquietas, passados incessantemente presente... Ali percebi a importância de uma condução amorosa, que respeitasse cada sujeito do lugar de uma forma única, que coubesse uma "compreensão mútua e uma solidariedade" (BORNSTEIN et al. 2013 p. 43).

As aprendizagens com mestre Vavá Madera seguiram, boas provocações se deram e o tema incessantemente aparecia:

...cheguei no acolhimento em Saúde Mental às 7:00 conforme combinado, haviam algumas pessoas, vi que já passavam de 8 atendimentos no mínimo, ele iniciou, falou da rede, das dificuldades, de como poderíamos, em grupo, dar conta das questões e como não haveriam profissionais para atender à todos fora da unidade. Apresentou os grupos e lembrou o poder do controle social. Saiu a atender, fiquei com alguns acolhimentos... (NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO)

<sup>7</sup> "Mestre Vavá Madera" foi Durval Marques da Silva, principal nome na criação do bloco de afoxé Filhos de Ghandy (com "y"), que aos toques dos tambores, no cântico iorubá, e nas cores de Oxalá (Oxaguiam) disseminam a mensagem de paz no mundo de Mahatma Gandhi.

Esse acolhimento encontrava as pessoas, ali era informado que cada um teria atendimento, mas infelizmente a rede era limitada. Lidar com tal informação sem amorosidade e muito diálogo compromete uma relação que se cria naquele momento. Ali se reafirma as possibilidades de autonomia e uma outra construção da saúde (BORNSTEIN, 2013), se olhava o usuário e trazia os modos possíveis a serem construídos naquele espaço. Invenções também surgiam, considerando a abertura às propostas que iam sendo costuradas e as próprias questões dos usuários.

Wong-Un (2014) coloca a busca pelo "ser mais" de Freire, como movimento para reconhecermos a beleza das coisas, de reconhecer a importância do encontro com o outro, como alguém que nos ensina uma infinidade de coisas. Assim, tive nesse encontro muito apoio e parceria para fazer outras atividades como a construção de um grupo de caminhada e algumas atividades de cuidado aos trabalhadores, aonde tivemos diversas práticas incluindo danças circulares:

...não acreditei que botei aquele povo para dançar, e deu certo...  
(NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO).

Essa atividade só se deu em aposta conjunta, entre trabalhadores, usuários (que também participaram da atividade) e a própria gestão. Perceber o quão é possível acessar histórias através de uma prática corporal, é dar-se conta dos talismãs que carregamos e como muitas vezes diminuimos nossas histórias para impor um saber tecno-científico colocado em monólogos. "A amorosidade aciona um processo subjetivo de elaboração, não totalmente consciente, que traz importantes percepções, motivações e intuições sobre a realidade para o processo de produção da saúde." (BRASIL, 2012 p. 15).

Esse encontro, potente de compreender e viver a amorosidade em serviço, me possibilita a explicitação de dimensões ainda pouco elaboradas na rede de saúde, um colocar-se inteiramente nesse cuidado, apostando muitas fichas. As trocas com usuários e trabalhadores foram fundamentais ao processo de formação e provocam um repensar de minhas ações no cuidado.

Aprendi muito sobre como fazer ações em grupos, como que é feita a terapia comunitária e principalmente como pode ser realizada com parceria da comunidade! (...) Aprendizagens para a vida. Transpus para vida; campos de paz agora eram temas de meu desejo, inclusive na capoeira...  
(RELATO DA PRIMEIRA NARRATIVA)

Mestre Vavá Madera foi um provocador das práticas da amorosidade, assim como coloca Bornstein (2013 p.46) estabeleceu relações de "confiança e acolhimento entre as pessoas o que possibilita o conhecimento de dimensões importantes para a estruturação dialogada das práticas de cuidado" considerando os "aspectos mais sutis da realidade subjetiva e material da população". Destaco por fim a satisfação de encontrar alguém que leva o SUS dessa forma, amorosamente. Sem dúvida no processo formativo esse encontro qualifica o profissional que construo e que pouco pude formar durante a graduação, mas como anunciado no último relato essa é uma formação que transborda a construção profissional e invade meu viver, modifica minha ginga, convoca meus movimentos.

### 3.4 Roda da Emancipação

"Emancipate yourselves from mental slavery

None but ourselves can free our minds"

*"Emancipem-se da escravidão mental*

*Ninguém além de nós mesmos pode libertar nossa mente"*

(Redemption Song - Bob Marley)

Emancipação tem relação direta com a construção coletiva e compartilhada do processo de libertação das diversas formas de opressão que se incutiram em nossa sociedade. Com isso as pessoas e coletivos constroem seus protagonismos e buscam, através do diálogo, a construção de uma sociedade mais justa e democrática. (BRASIL, 2012). Dessa forma no cotidiano da saúde, onde se estabelecem os processos de cuidado pautados em relações horizontais, os sujeitos são autores das ações em saúde, assim atitudes autoritárias e perspectivas excludentes são minimizadas (quicá dissipadas...). Usuários e trabalhadores, que teriam pouco protagonismo na lógica biologicista (nível técnico, trabalhadores da higienização, segurança, profissões pouco fortalecidas nos cotidianos dos serviços de saúde, etc.), se fortalecem e transbordam a barreira delimitada por essa racionalidade. Partindo desta relação emancipatória, que abre o leque das ações em saúde, as

expressões do cuidar surgem em maior número, acolhendo mais pessoas, ampliando as possibilidades da rede.

Essa é uma das rodas mais complexas, vivemos poucas chances de construir movimentos de emancipação, principalmente por falta de um olhar crítico sobre a realidade. As instituições movem-se lentamente capturando subjetividades e tornando-se "fundamental" ao existir dos sujeitos. A "instituição saúde" determina as formas "corretas" do cuidado, ignorando os processos individuais e massificando uma forma de agir e pensar. Como mover tal roda? Um dos encontros que tive contam um pouco sobre como é possível tentar, mesmo dentro das capturas institucionais construir e promover movimentos emancipatórios.

"Mestra Janja<sup>8</sup>" teve uma das historias mais difíceis (e tristes) que conheci, vida dura de quem não teve bons encontros. Com o passar dos anos Mestra Janja passou a buscar serviços de saúde mental, foi internada, "hipermedicada" e no seu silêncio permaneceu muito tempo:

"...nossa que vida difícil... além de tudo um AVC... acho que "Mestra Janja" é a pessoa mais resiliente que conheço..." (NOTA DO DIÁRIO DE CAMPO)

Ao passar do tempo Mestra Janja encontra "Mestre Vavá Madera" (anunciado na roda da Amorosidade) e iniciam um processo que merece muito destaque. Numa construção conjunta ela foi encontrando no serviço de saúde, o apoio e o cuidado que necessitava, depois de tantos anos de busca e sofrimento. No grupo de Terapia Comunitária é possível compreender o processo de emancipação dela, seus relatos sobre a vida e sobre como lidou com esses processos emocionam, ela encontra ali apoio para seguir seus movimentos de vida. Articula-se com outras ações da unidade de saúde e para fora dela, tem uma capacidade de mover-se incrível.




---

<sup>8</sup> Mestra Janja chama-se Rosângela Costa Araújo, além de capoeira é historiadora, atualmente é professora do Bacharelado de Estudos de Gênero da Universidade Federal da Bahia.



Hoje ela trouxe mais um relato da infância, que dureza...A usuária ficou atenta à suas histórias e no fim saíram conversando, como velhas amigas."  
(NOTAS DO DIÁRIO DE CAMPO)

Nas férias de "Mestre Vavá Madera" percebi o quanto ela sabe sobre a Terapia Comunitária e na roda vi:

"(...) hoje tinha sido difícil, ainda bem que a "Mestra Janja" estava ali, chamou o povo na responsabilidade e trouxe sua história, quis mover as pessoas para frente..." (NOTA DO DIÁRIO DE CAMPO).

"Mestra Janja" se coloca assim, hoje encontra na tarefa do cuidar a possibilidade do se cuidar, era o que precisava e o que buscava. Apóia diversas ações e move a roda da emancipação, anunciando a importância de falar<sup>9</sup>, de se colocar, de não ficar parado... A emancipação nesse caso está muito mais direcionada ao processo interno desta usuária-apoiadora-cuidadora-guerreira, mas também nas possibilidades que os movimentos de cuidado coletivo podem compor. Não queremos o "encapsular", mas esses movimentos de quem fica porque encontra naquele momento (serviço, roda, no cuidar) o seu cuidado, mostra o quanto podemos desenvolver melhor nossas proposições de saúde... podemos nos emancipar de idéias e conceitos aprisionantes, das necessidades cartesianas de hierarquizar, do gozo em burocratizar e do vício "Eichmanniano"<sup>10</sup> em banalmente fazermos apenas o nosso trabalho; sair desse lugar de total desconforto e encontrar nas nossas emancipações outras perspectivas de saúde. Fazer como a Mestra Janja que consegue, enquanto cuida, rever-se, revisitar histórias que geraram profundas feridas mas que hoje são componentes que a trazem ao encontro de outros, na arte de cuidar, visto que, como anuncia as canções utilizadas nas práticas da EPS: "Cuidar do outro é cuidar de mim, cuidar de mim é cuidar do mundo" (Ray Lima), e assim vamos nos movimentando, na ginga possível e no efeito "reverb" do encontro com cada um.

---

<sup>9</sup> Ela sempre relembra da frase da Terapia Comunitária (cultura popular) que diz "quando eu calo os órgãos pagam, quando eu falo o corpo sara".

<sup>10</sup> Referência ao carrasco nazista Adolf Eichmann e seu julgamento em 1962, abordado por Anna Arendt.

### 3.5 Roda da Problematização

Para entrar na roda da problematização é importante pensar que é fundamental fazermos questionamentos para que possamos nos deslocar de nossos confortáveis lugares e evitarmos que ao longo do tempo vá se (re)produzindo um silêncio de certezas. Problematização implica uma relação dialógica para se observar algo, para se fazer uma "leitura e análise crítica da realidade". (BRASIL, 2012 p. 16.). A experiência prévia dos sujeitos é base para essa construção.

A problematização é a possibilidade das pessoas construírem momentos pedagógicos. Permite que o encontro acolha e construa ocasiões de análise e modos de lidar com as questões. Para Pulga (2014) com a problematização se busca a superação de uma visão ingênua para uma crítica, que se proponha transformadora da realidade. O encontro entre pessoas possibilita a auto percepção como sujeito histórico e dessa forma se pensar como protagonista na construção de outras realidades.

A composição dessa construção exige uma compreensão crítica e profunda sobre a realidade, as propostas prévias que experimentamos (de forma genérica e hegemônica), principalmente nas experiências escolares (e acadêmicas), possibilitam poucos espaços de problematização. Projetos pedagógicos restritos, que ensinam conteúdos prontos e estruturados, encaminham nossa educação à lógica bancária que Paulo Freire anuncia.

Como fica a formação profissional em que não se questiona sobre sua realidade, sua prática, suas ações, seus desejos e etc.? Que profissão está dada e historicamente constituída à ponto de estar "pronta"? Nesse sentido a formação visa a reprodução de um profissional modelo, que dê conta de atender aos conceitos (e pré conceitos) sociais sobre seu saber. Ao se deparar com a roda da SMC precisei desconstruir uma estrutura que estava dada, fez-se necessária "invenção" deste trabalhador...

Alguns espaços que o residente atua permitem desenvolver uma construção mais crítica e, em consequência, problematizadora, as ações no Centro de Referência para Assessoramento e Educação em Redução de Danos contemplam essa possibilidade tendo movimentos de análise crítica em constante pauta, analisando profundamente as construções. O serviço propõe

acompanhar (e assessorar) os componentes do Percurso Formativo Singular, denominado assim pela equipe, e constitui provocações muito difíceis visto que raramente se tem a possibilidade de construir um desejo de aprender e estar em movimento, perseguindo-o com afinco. Não "aprendemos a aprender o que queremos" em nossos percursos prévios e nesse encontro muitas histórias se deram. Tal processo problematiza as construções estruturadas e coloca em análise e debate minha trajetória, ao mesmo tempo apresenta uma possibilidade de construção coletiva, que ainda não havia experimentado:

Que oportunidade, jogar com toda a bateria afinada, previamente ensaiada, com músicas boas, com outro jogador que sabe o que faz. Isso me provocou a construir um plano de ação que direcionasse a oportunidade de aprender mais sobre isso. Meu Percurso Formativo Singular, como eles denominam, incluía participar das atividades do CRRD e participar de algum coletivo, nessa análise de construção organizada, analítica, e compreender o processo de grupo ao longo do percurso. A questão maior do semestre foi encontrar tal coletivo, iniciei as buscas tateando alguns espaços, principalmente coletivos de defesa da reforma sanitária e da reforma psiquiátrica; aí foi onde foi difícil fazer... (RELATO DA SEGUNDA NARRATIVA)

Ao longo do ano houveram adaptações, deslocamentos, interposições, pactuações e repactuações sobre essa construção, as leituras foram intensas e o exercício de aprender de forma que tangenciasse o que normalmente



buscaria, gerou muitas reflexões sobre as possibilidades de uma outra pedagogia. A problematização nesse encontro promoveu, através do diálogo e do compartilhar conhecimento, um movimento que de fato emancipou para fora do seguro território das aprendizagens, coloca o que "não se sabe..." (CORAZZA, 2005) como um foco de questionamento sobre o que se aprende.

Problematizou-se o aprender e o percurso formativo profissional numa intenção libertadora, realizando exercícios constantes de análise do processo individual. Textos, ações em grupos, poesias, músicas, filmes, encontros, saídas em territórios, exposições, entrevistas, diários de campo, registros das atividades e outros recursos eram colocados como modo de pensar outras possibilidades de seguir aprendendo.

Foi dança entre o singular e o plural, que alargou bordas conceituais e gerou outras práticas em minha jornada como terapeuta (e professor...), que agora reconhece a dificuldade de perseguir um objeto de aprendizagem e que muitos recursos podem convergir como excelentes dispositivos de aprender, convocando outros olhares, locais e corpos para essa ação. A insistência pela escrita constante provocou a prática mais sistemática de uma ferramenta de análise fundamental para o exercício da problematização.

### 3.6 Roda do Compromisso com o Projeto Democrático Popular

Essa roda propõe-se como caminho de afirmação política da EPS, o compromisso em construir e defender uma sociedade justa, igualitária, que conseguisse o acesso das populações e grupos excluídos, "que historicamente foram silenciados e marginalizados" e com isso reduzir as injustiças e dar vistas ao processo de emancipação. (BRASIL, 2012 p. 17). Destacam-se princípios da:

"(...) valorização do ser humano em sua integralidade, a soberania e autodeterminação dos povos, o respeito à diversidade étnico-cultural, de gênero, sexual, religiosa e geracional; a preservação da biodiversidade no contexto do desenvolvimento sustentável; o protagonismo, a organização e o poder popular; a democracia participativa; organização solidária da economia e da sociedade; acesso e garantia universal aos direitos, reafirmando o SUS como parte constitutiva deste Projeto." (BRASIL, 2012 p.17-18)

Esse princípio rememora a lembrança da escolha de campo no primeiro ano. Decidi, sabendo da dureza do jogo, ir ao campo que anunciava as dificuldades: a desinstitucionalização do manicômio, no residencial que é um anexo do manicômio. Sim! A Senzala e o Quilombo convivem lado a lado... O que não tinha idéia, no período, era da dureza do espaço, esperava poder contribuir nos processos da desinstitucionalização e conseguir estruturar outros movimentos, ainda que pequenos, naquele espaço. Era jogo duro, a situação não era nada favorável, e os jogadores já são muito experientes, e isso não os torna mestres... Vendo que havia movimentos que visavam retirar os moradores de suas casas e levá-los à outros espaços, dando destaque ao antigo leprosário, o Hospital Colônia Itapuã<sup>11</sup>, propusemos uma assembléia

---

<sup>11</sup> Uma curiosidade direcionada aos processo da historia da loucura (FOUCAULT, 1978): Tal hospital fica a 50km do centro da capital, o local que eles estavam, o local do Residencial é

com os moradores, a fim de conversar sobre alguns assuntos, incluindo este. Em nossa assembléia:

"Espantosamente descobrimos que a maioria os moradores haviam sido consultados sobre morar fora, em outras casas apresentadas como melhores pela gestão atual. A grande questão é para onde? De que forma? os desejos de, por exemplo, morarem sozinhos vai ser respeitado? Ao que parece: não (...). Lembro-me de ver na BIENAL uma arte que basicamente era um leteiro convidando pessoas a viajarem, para um lugar tropical, exótico, com animais lindos mas para ir teria que ir no porão de um navio e assim o convidado se deparava com um convite a escravidão, polidamente feito."

"(..). Gostaríamos de preparar o terreno para que os moradores estivessem preparados para o jogo que se anuncia; (...) Tal cenário mexe muito comigo (...)"

"(...) "vi-vi" cenas que sem dúvida me empurram a pensar "o que estou fazendo aqui" e 2 segundos depois "como ainda tem gente aí?" "que lei de reforma que vale?"..."

"(...)É difícil perceber todos os mecanismos que circundam o interesse de controle dos sujeitos no espaço do Hospício, mas perceber que se sustenta em um confuso jogo de interesse pelo poder (...)" (RELATOS DA PRIMEIRA NARRATIVA)

Esse registro marca a incapacidade da gestão do hospício de olhar para um projeto democrático que consiga incluir essas pessoas. Os presos do manicômio são tratados como "menos validos", sujeitados a todo movimento de opressão, medicados até desistirem de si, esquecidos de qualquer recanto social historicamente vivido... nada. Nesse sentido marco nessa roda a incapacidade de atuar no espaço conforme o que havia planejado. A dureza e a falta de diálogo capazes de sujeitar as vidas... A experiência de Basaglia anunciou o que vimos, isto que estamos em tempos diferentes de lidar com a loucura (ou não...). Contribuímos nas construções de denúncias ao Ministério Público, denunciando os movimentos coercitivos do Hospício; com raiva, tristeza, dor, aflição, angústia e incertezas fiz as seguintes reflexões:

"Temos vitórias? sim temos muitas, temos CAPS diversos formando toda a RAPS, mas isso não é suficientemente forte para garantir a real desinstitucionalização dos moradores (...). (...) não acredito em Hospício como parte estruturante da RAPS."

"Não sei como me colocar sem questionar o que foi feito dos Lutadores da Reforma Antimanicomial que acessou esferas que poderiam mudar e, por jogos de poder, não mudou. "POR QUE ESSAS PESSOAS AINDA ESTAO ALI?" "

---

menos de 5km do centro da capital e é um local de muita especulação imobiliária... Anos depois a lógica manicomial ainda quer higienizar as cidades a serviço das elites...

"(..) idealizo uma conquista real, efetiva, que mudará a vida das pessoas , quando chego vejo o abismo que difere livros e ciência da política real, do que toca a carne, encarna."

" Sendo a Saúde Mental Coletiva "o processo de captura do sujeito social, desencadeador de modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade, EXTINGUINDO PRÁTICAS TRADICIONAIS por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida!" e acreditando nisso, por ser formado por isso, não consigo entender como ainda temos o Hospício em pé, com suas tradicionais práticas e criando NOVOS meios de queimar projetos de vida."

"Esse sofrimento incomoda, por ver o jogo macro político beneficiário de poucos é o sofrimento micro político de muitos. As fotos de Fernando Tenório (Psicanálise e Reforma Psiquiátrica - Holocausto Brasileiro) só me fazem pensar no que via duas vezes por semana no Hospício. Pintel "desacorrentou os loucos? (1700)", Princesa Isabel "libertou os escravos? (1888)". Não temos mais escravos? e loucos presos?"

"nem sei mais o que dizer..."

Nesse espaço não pensei sobre cuidado. Nesse espaço tentei elaborar idéias de mudança, falhei. Nesse espaço vi o esforço da manutenção dessa forma de enclausurar projetos de vida. Nesse espaço saí, triste, frustrado, sem referenciais ou referências." (RELATOS DA PRIMEIRA NARRATIVA)

Com esse relato, finalizo essa roda pois assim se encerrou, sentimentos de pouco realizado e muito por fazer. Inacabável foi esse processo, pois não findaria até uma mudança na perspectiva manicomial em prol da liberdade, de trabalhar projetos de vida e felicidade... Um rasgo no tempo termina a historia curta, os sentimentos ainda permanecem entranhando e a dor de pensar que meus meses ali são convertido em vida aos que lá ficarão por muito tempo permanece...

#### 4. Puxada de rede: reunindo as forças da comunidade, olhando o resultado da pescaria, partilhando com todos a conquista do dia!



" Minha jangada vai sair pro mar

Vou trabalhar, meu bem querer  
Se Deus quiser quando eu voltar do mar

Um peixe bom eu vou trazer..."

(DORIVAL CAYMMI)

A hora da puxada da rede necessita muita história prévia. Os pescadores saem de madrugada, colocam a rede; os peixes caem na armadilha que fica horas colocada. Na primeira hora da manhã junta-se a comunidade para puxar a rede, a força de todos traz o alimento que será partilhado! Depois de colocar minha jangada a navegar nos mares da SMC, faço desse espaço minha puxada de rede, objetivando finalizar um trabalho de dois anos, onde consegue-se movimentar muito. As vezes posso não ter saído com todo o material no barco, mas sempre fiz minhas rezas e, carregando meus patuás, contei com sorte de ter muitos encontros com mestres de uma sapiência incrível.

Esse momento será dividido em duas partes, dois momentos que sintetizam a idéia da proposta. A "PARTE 1 - Dos pés cravados na terra, a base coletiva para a força que virá..." fecha as propostas das bases apresentadas, convoca o percurso teórico da SMC e da EP para anunciarem o fim da roda. A "PARTE 2- Do Encontro com o Povo; a puxada..." é a partilha final desses encontros, é dar "*adeus, adeus, boa viagem...*"<sup>12</sup> aos mestres encontrados nessa jornada. É momento de ver também o que a rede trouxe, desejante que seja o necessário para o que se precisa...

<sup>12</sup> Um dos cânticos que anunciam o fim das rodas de capoeira.

## PARTE 1 - Dos pés cravados na terra, a base coletiva para a força que virá...

Tendo os conceitos da SMC, EP e da EPS brevemente explicados, ou minimamente expostos à reflexão durante a escrita, fica um pensamento atravessado, latente e pulsante, convocando um olhar para os dois mestres nas questões que abordarei: Mestre Paulo Freire e Mestre Basaglia. Coloco ambos aqui numa análise do processo histórico e de como foi a luta desses para conseguir que suas práticas fossem vistas como boas teorias!

Luta, talvez seja a primeira palavra que une a temática; a intersecção entre Reforma psiquiátrica e EP. Para isso vale convocar à roda as cores acidentadas do contexto históricos destes processos. Fazer a confluência entre os pensamentos de Basaglia e Paulo Freire provocando os pensamentos de um professor que percorre a Saúde Mental, um espaço terapêutico que inclui o pedagógico, no sentido de composição conjunta.

O contexto histórico que se deu ambas expressões indicam luta contra modelos instituídos, dispostos ao controle do viver (e da própria vida). Ambas as lutas trazem significativas conquistas, haja vista os processos instigantes frequentes das diversas fontes das experiências nos espaços da saúde e educação. Diretamente temos as próprias experiências dos militantes da reforma antimanicomial em ação direta, na dedicação ao cuidado com o usuário, reforma que, na experiência brasileira, se dá no apoio da própria reforma sanitária. Ao exemplo das ações de Basaglia em 1961 que se vê impossibilitado de ações de "humanização" do hospício na Itália, o Brasil também faz seus movimentos para fora dos muros manicomiais.

Destaco que esse contexto, revela que antes da luta direta iniciam-se processos da própria resistência nos espaços e modelos instituídos. Tal movimento é fundamental para a composição de uma massa crítica, capaz de fazer um transborde. Tanto Freire quanto Basaglia, não pessoalizando os nomes às lutas mas como maiores provocadores no cenário, são agenciadores de novas perspectivas sobre modelos "engessantes" dos modos de viver, que se propõem ao totalitarismo.

A inconformidade perante aos modelos propostos, foi o que levou ambos a fazerem seus movimentos, Basaglia inclusive faz movimentos de "negação da



psiquiatria", no sentido de reconhecer os limites da profissão e como a estrutura criada não sustentaria qualquer proposta de mudança nas vidas dos encarcerados loucos de Trieste. Assim movimenta redes de cuidado e inicia um novo olhar sobre a saúde mental. Freire também reconhecia a existência de muros que separam pessoas, principalmente pela desvalorização do saber popular, pelo assujeitamento da população, oprimida de várias formas e a "mercê" de ser fagocitada pelas estruturas do crescente capitalismo.

Olhar os sujeitos e seus processos é base da ação desses dois pensadores assim, o movimento, a estrada, a rua, o pó que eleva-se desse movimentar são combustível dessas proposições. Basaglia "jamais conseguiu pensar a psiquiatria e o manicômio de forma asséptica, enquanto uma instituição científica que funcionava bem ou mal, conforme o estado do desenvolvimento científico, ou qualidade de administração" (AMARANTE, 1994 p.75), os movimentos de Freire (PAULO..., 2012) de ensino em comunidades distantes, escolas sem infra estrutura, com populações excluídas de processos formativos, mostra esse desejo de romper o ideal asséptico, rompia a lógica educativa da educação bancária e ia para o diálogo, um outro ensinar/aprender. "Organizar o que não pode e não deve ser organizado (AMARANTE, 1994 p.70) é uma tarefa difícil que exige movimentos dialógicos, horizontais e dispostos a fazer duros enfrentamentos contra modelos instituídos, ainda destaca-se a idéia de manter o processo, tanto terapêutico como pedagógico, como o menos vertical, resistindo aos modelos impositivos, jamais agindo de modo 'anti-dialógico' e autoritário (PACHECO JUNIOR e TORRES, 2009)

Basaglia e Freire foram dois incomodados, que se desacomodaram, moveram a roda da vida em direção coletiva, em direção ao viver livre. Anos depois são vistos ainda como utópicos ou como pensadores desatualizados, frágeis tentativas de sufocar seus gritos. Não conseguirão! As lutas seguem, ora fortemente organizadas, ora desmobilizadas, mas não cessam jamais. Os caminhos da libertação, que Basaglia e Freire visualizaram, foram trilhados por muitos e ainda seguem como trilhas e pistas para os que buscam unir-se à estes movimentos que transbordam profissões, horários de serviço, cartão ponto, salário... são punção de vida e por isso incalculáveis, é sangue nas

veias! Encontrar com essas histórias move meu desejo dessa construção profissional, que dialoga entre teorias e teóricos, com as mais diversas linhas epistemológicas mas que ao fim nutrem a construção de minhas ações. Inspirar-se nessas teorias e dar corpo à luta, criar bases para movimentos complexos e ousados que incomodam os que dominam...trago a teoria ao corpo que, pulsante e movente vai esgueirando-se nas possibilidades de respeito a vida livre, à diferença e à construção de uma sociedade capaz de se constituir a partir de um olhar crítico, que faça diferença e não à exclua...

## PARTE 2- Do Encontro com o Povo; a puxada...

Este foi um trabalho autoral, busquei-me e perdi-me na construção. O período da RIMSMC foi intenso, de um aprendizado para além da formação. Resgatar a experiência vivida ligando-a aos estudos (historias vividas) na cultura (e Educação) popular, me faz olhar o percurso com uma nova lente. Vi(vi) muito movimento.

A experiência de se abrir cada vez à um saber transversal sem abandonar a experiência tecnológica identitária de ser professor (professor de educação física...), mexe com as incertezas de saberes e abre para as possibilidades de aprendizagens muito diversas. O campo da SMC precisa destes atravessamentos, de redes e intercessores que realmente provoquem novas ações no cuidado em saúde, que coloquem a experiência do encontro com a loucura como parte também de nossa subjetividade, constituindo um lugar de alteridade entre a rede de SMC.

Essa escrita se deu em uma tentativa de resistir e de propor pequenos movimentos, apresentando o cuidado e alteridade como elemento fundamental à SM, trazendo e tentando fazer relações entre o movimento da EP, EPS e da Luta antimanicomial... São movimentos pequenos porém mandingados e destacam a luta que é movimentar-se contra a hegemonia de pensamento, contra o pré conceito, contra o estigma e contra o biopoder.

Valla (1996 pg. 171) indica que:

Enquanto a revolução ou rebelião em grande escala, na realidade, sempre foi uma

exceção e não a regra, a mudanças ocasionadas pelas forças progressistas tem mais a ver com resistências sutis e pequenos levantes.

Na SMC é possível apoiar-se e fazer resistência a opressão, ao controle, ao monopólio do viver diferente, à indiferença à diferença. Não se tem formação para lidar com este campo, mesmo assim a formação é fundamental, é base de movimentos que necessariamente exigem criatividade e inventividade na complexa realidade. Saímos da casa de nossos núcleos profissionais, "dessa bamba" muito para nos movimentar. A formação profissional ainda constrói um muro em que não reconhece o saber popular (OLIVEIRA et al., 2014) logo desaprendemos a lidar com o saber do outro; reaprenderes diversos são necessários ao processo da residência.

Os caminhos foram pelo popular pois estes privilegiam o diálogo amoroso e crítico com as pessoas (WONG-UN, 2014). A perspectiva trás poéticas às ações, mostrando como "toda a beleza esta contida no corriqueiro" (pg. 185), logo o trabalho em saúde mental gerou-me muito encantamento e deslocamentos de vida e não meramente de um trabalhador da saúde... Conhecer cada um dos mestres apresentados é reverenciar (e referenciar) a aprendizagem, atravessada de muitos bons sentires, e cada encontro dessa vivência... Aprendizagens duras, tristezas e angustias sem dúvida atravessaram o processo e do mesmo modo fazem importante nessa construção, lidar com o sofrimento do outro e, por profunda empatia, afeta o profissional que mesmo assim segue movendo-se nessa roda.

Considero ainda que "partir, na construção de saberes, do diálogo com o outro é, de fato, uma radicalidade. Perigosa para qualquer governo ou partido. Uma ampliação revolucionária da experiência da democracia" . (WONG-UN, 2014 pg.187). E foi isso que sempre desejei, modificar (ou contribuir nas modificações) de nossa experiência de vida, principalmente na construção de um modelo social mais democrático, amplo, que dialogue com as diversidades e que de voz e vez aos oprimidos.

Entrar numa dança que proponha estudos da educação e da saúde coletiva e SM, coloca as epistemologias em um vórtice que mistura, borra,

transpõe, transgride, afinal o desejo é construir e desenvolver um bom terapeuta/professor. Olhando pela perspectiva popular, Pulga (2012b) coloca que "toda a ação tem uma dimensão educativa e pedagógica" logo os atravessamentos de um professor na saúde estão sempre presente numa relação dançante, diversa e pluralmente construída.

As aprendizagens só puderam acontecer através dos encontros, indicando a necessidade de estar atendo às possibilidades, num "devir dança" onde balança-se ao ritmo do que ocorre em ato, quase como no jogo da capoeira. Este "devir dança" também marca uma tentativa de ações menos deterministas, mais flexíveis, colocando em análise cada movimento e cada resposta, como no jogo de "xadrez da mata". Do transborde dessas ações vai-se dançando com usuários nos encontros, com trabalhadores na micropolítica do trabalho, na rede com os possíveis de movimentar e em diversas possibilidades... em diversos ritmos, ora numa ciranda coletiva, ora na atenção ao outro na roda de jongo.

Os elementos das PNEPS foram provocadores de "causos" vividos nos dois anos, poderiam e deveriam ser contados em roda, partilhando aprendizagens com outros e podendo aprender mais ainda... Cada historia não provocou uma dissertação sobre si mas as possibilidades de dobrar-se e trazer outras perspectivas, ao encontro, ou não, do conceito *strictu sensu*... Se os manuais não explicam a experiência dessa clinica em saúde mental, este trabalho trás ilustrações de uma forma de viver e analisar esta passagem.

Antes do cantador gritar "cachoeira"<sup>13</sup>, faço meus movimentos finais, a despedida do processo da residência. A roda que se encerra abre caminho para outras e outras, brincarei sempre que possível! O encontro com a loucura pauta a fragilidade de lidarmos socialmente com as diferenças, com quem não se enquadra na normativa da vida, a militância exige nossos saberes, nos afeta constantemente. A defesa de linhas de pensamento que horizontalizam os saberes faz da loucura um outro lugar, menos oprimido; a intenção deste trabalho foi justamente mostrar como a perspectiva da EP dialoga com a luta antimanicomial. Apresentar a vivência no prisma de Freire é ver que a sacola

---

<sup>13</sup> Grito que anuncia o fim de uma canção durante o Jongo. "Machado" também pode ser usado nessa situação.

de talismãs foi se enchendo no percurso e assim uma aprendizagem única se deu. Ao fim levo e partilho esses amuletos, escambo aprendizagem de cada toque, cada som, cada ginga que pude lembrar e dar espaço, outras tantas não foram contadas mas constituem um território de aprendizagem constante, que em movimento permanente agrega, em sua sacola, experiências, encontros, dores, sorrisos, angustias, desencontros, parcerias, contato, silêncio, brincadeiras, gritos, tristezas, amizades...

"Adeus povo bom, adeus! Adeus que eu já vô me embora. Pelas ondas do mar eu vim, pelas ondas do mar eu vou embora..."

-"CACHOEIRA!"



## 5. Referências

AMARANTE, P. Uma aventura no MANICÔMIO: a trajetória de Franco Basaglia. *História, CIÊNCIAS, Saúde - Manguinhos*, I (1):61-77, jul.-out., 1994;

AYRES, J. R. C. M. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. *Saúde e Sociedade*, v.13, n.3, p.16-29, set-dez,2004

BORNSTEIN, V. J.; MATTA, G. C.; DAVID, H. O processo de trabalho do agente comunitário de saúde e sua incidência sobre a mudança do modelo de atenção em saúde. In: MONKEN, M.; DANTAS, A. V. (Orgs.). *Estudos de Politecnia e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 4, p. 191-219, 2009.

BRASIL; Política Nacional de Educação Popular em Saúde. COMITÊ NACIONAL DE EDUCAÇÃO POPULAR EM SAÚDE - CNEPS. Brasília; Ministério da Saúde. 2012.

BRASIL; II Caderno de Educação Popular em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde. 2014a.

BELMONTE, P.R. A reforma psiquiátrica e os novos desafios da formação de recursos humanos; ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO., org. *Formação de pessoal de nível médio para a saúde: desafios e perspectivas* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996. 224 p.

CORAZZA, S., "Não se sabe...". *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 93, p. 1205-1208, Set./Dez. 2005

FAGUNDES, Sandra. *Águas da pedagogia da implicação: intercessões da educação para políticas públicas de Saúde*. 2006. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. 244p.

Figueiredo, D. A., *Historia da educação Popular uma leitura crítica*. in: *EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA*, Raiane Assumpção (org.). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. 2009.

FOUCAULT, Michel. *A história da loucura na idade clássica*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FREIRE, P. *Pedagogia do Oprimido*. 17ed., Rio de Janeiro: Paz na Terra: 1987.

MERHY, Emerson Elias. *O Ato de Cuidar: a Alma dos Serviços de Saúde*. In: Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. *Ver – SUS Brasil*:

cadernos de textos. Brasília: Ministério da Saúde, p.108-137, 2004 (Série B. Textos Básicos de Saúde).

OLIVEIRA, M. W. de, MONTRONE, A. V. G., AQUILANTE, A. G., PINTO, F. G.; Diálogos com práticas populares de saúde na formação profissional. in: BRASIL; II Caderno de Educação Popular em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde. 2014

PACHECO JUNIOR, I. e TORRES, M. M.; Atualidade do pensamento de Paulo Freire na Educação Popular. in: EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA, Raiane Assumpção (org.). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. 2009.

PACHECO JUNIOR, I. e PACHECO, S.; Dialogicidade em Paulo Freire. in: EDUCAÇÃO POPULAR NA PERSPECTIVA FREIRIANA, Raiane Assumpção (org.). São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire. 2009.

SANS, J. As cartas do caminho sagrado: A descoberta do Ser Através dos ensinamentos dos índios norte-americanos. Rio de Janeiro. Rocco. 1993

SANTOS, Simone Agadir (Org.) Curso Educação Popular em Saúde. / organizado por Simone Agadir Santos e Gert Wimmer. - Rio de Janeiro, RJ : ENSP, 2013

VALLA, Victor Vincent. A crise de interpretação é nossa: procurando compreender a fala das classes subalternas. Educação & Realidade, n. 21(2), p. 177-190, jul./dez. 1996.

WONG-UN, J. A.; Aprendendo e -ajudando- a olhar o mar: das muitas saúde, culturas e artes na educação popular. in: BRASIL; II Caderno de Educação Popular em Saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. Brasília: Ministério da Saúde. 2014